

Tania Maria Piacentini\*\*

"Un écrivain d'aujourd'hui ne saurait être indifférent à la situation de l'école, de l'université, des bibliothèques, de la librairie en général. Lui qui s'évertue à écrire ne saurait être indifférent à la situation de tous ceux dont il faut souhaiter qu'ils s'évertuent à lire, dont il faut souhaiter qu'on leur facilite l'apprentissage infini de la lecture".<sup>1</sup>

Se "ninguém aprende samba no colégio", como dizia Noel, é também, entre outros motivos relevantes, porque não se ensina samba na escola. Mas a literatura, de todas as produções culturais, é a única que constitui matéria escolar obrigatória. A literatura, neste caso entendida como o conjunto de autores e textos aprovados para circulação no ambiente escolar, acrescido de informações da teoria e da história literárias necessárias para "melhor compreensão e assimilação da arte da palavra". De todas as produções culturais, pois, a literatura é a única que dispõe de um espaço garantido para sua difusão e de tempo e organização para a sua aprendizagem.

---

\* Este texto é parte do III Capítulo da dissertação de mestrado defendida na UNICAMP/SP, em junho de 1988, sob o título: "Literatura: o universo brasileiro por trás dos livros".

\*\* Professora do Departamento de Metodologia de Ensino, do Centro de Ciências da Educação - UFSC.

É por isso que, no conjunto do fenômeno literário, onde, repito, estão incluídas "as condições de elaboração dos textos, sua produção, edição, difusão, as instituições escolares e universitárias, as condições de aprendizagem da língua, a leitura; as diferentes instâncias legislativas como as academias, os prêmios, as revistas, a definição do domínio cultural e do corpus literário"<sup>2</sup>, nenhuma outra instituição tem tantas condições de influência sobre a literatura quanto a escola em todos os seus níveis de ensino.

A área de atuação escolar é de tal maneira ampla que o funcionamento do fenômeno literário é prioritariamente afetado pelo e para o ensino. A afirmação de Barthes: "- Literatura é o que se ensina"<sup>3</sup>, não é uma simples "boutade". Pois é na escola que se aprende a ler, se aprende a escrever a "língua correta", a conhecer os autores, os gêneros, os estilos de época, a ler - compreender - interpretar - analisar - julgar e classificar os textos literários. É também a partir das normas escolares - ou contra elas, mas as tendo sempre como referência - que são escritos, lidos e falados o jornal, a televisão, o rádio, instrumentos de ensino paraescolar. E é ainda para a escola que se volta a indústria cultural, em função de sua grande potencialidade como mercado de livros.

Senhora de tantos poderes e funções, a instituição escolar estabelece e hierarquiza os conteúdos a aprender, o que ler, escrever, falar e ouvir, além de determinar como e quando ensinar e aprender aquilo que deve ser ensinado e

aprendido em seus domínios. Tais direitos e tarefas lhe foram delegados há tanto tempo que passaram a lhe ser inerentes e, como tais, naturalmente desempenhados sem que, muitas vezes, haja um questionamento e uma conscientização sobre o porquê e para que a escola cumpre esses papéis. Não é à toa que a classe e os grupos dominantes sempre procuraram ter e manter o controle da escola<sup>4</sup>, embora não o consigam inteiramente.

Exercendo papel determinante na formação e difusão seletiva dos códigos de leitura e escrita através do ensino da língua materna, mesmo antes dos primeiros anos escolares, ainda na pré-escola para os que aí se alfabetizam, começa a aprendizagem de uma certa leitura e de uma certa concepção dominante de língua. Desde aí se reproduzem os princípios, as crenças, as representações da classe dominante, apresentados através de vocabulário e estruturas lingüísticas consideradas corretas e exemplares<sup>5</sup>. Desde os primeiros momentos de aprendizagem da linguagem começa a se impor a concepção dominante de língua, de suas funções, de seu estatuto. Com a escolarização e o exercício da linguagem escrita, a aprendizagem normativa é acentuada e a seleção e hierarquização de conteúdos acompanha a divisão do ensino em graus, fazendo com que a cada nível de escolaridade corresponda um nível de conhecimento e domínio lingüístico, um código de leitura, um conjunto de textos, um estágio diferenciado de manejo da fala e da escrita<sup>6</sup>.

No 2º grau, ao estudo das normas gramaticais em que se converte o ensino da língua portuguesa é acrescentado o ensino da literatura - brasileira - a partir de programas que "refletem uma concepção enciclopédica da literatura, percorrida século por século, o conjunto constituindo uma espécie de bagagem mínima"<sup>7</sup>, que o aluno precisa conhecer. Estilos de época, autores e obras "representativos", visitados através de trechos escolhidos quase sempre pelos autores dos livros didáticos e informações sobre a biografia do escritor, as características do seu estilo, a importância da sua obra, a época em que ela se insere, as influências que recebeu - informações periféricas ao fato literário - preenchem a prateleira do conhecimento reservada à literatura e necessária aos privilegiados que prestarão exame vestibular. Aos poucos, enfim, que alcançarem o 3º grau, o curso de Letras reserva um encontro mais aprofundado e mais específico com as ciências da linguagem, teoria literária e com os próprios textos literários, permitindo-lhes até uma certa dessacralização da literatura<sup>8</sup>.

O acesso à literatura reproduz, portanto, a segregação social e suas conseqüências sobre a escola, e o discurso escolar sobre a literatura, transformando-a em uma matéria de ensino, discurso e prática pedagógicos, pois estão tão estreitamente vinculados com a formação de leitores, com a receptividade e circulação dos textos literários e com o próprio fazer literário. Na medida em que a segregação escolar reitera uma situação sócio-cultural débil e tam

bém seletiva, contribui para restringir e reservar a determinadas camadas sociais melhores condições para criação e fruição literárias.

Interessa-me, porém, esta ampla relação escola/fenômeno literário vista por um ângulo bem particular e concreto: a posição do escritor diante da instituição. As questões que propus aos entrevistados dizem respeito ao seu passado como alunos, sujeitos às influências escolares, e ao seu relacionamento atual com a instituição, enquanto escritores. Perguntei-lhes se a escola e/ou a universidade teve algum papel na sua formação literária, se influenciou de alguma forma o seu trabalho posterior com a literatura. Perguntei-lhes também como eles vêem a escola, em que medida a julgam responsável pela criação e formação de leitores e se têm acesso a ela, pessoalmente ou através da difusão de seus livros e, ainda, se conhecem a programação escolar na parte referente ao ensino da língua e da literatura.

Vejamos, primeiramente, se algum deles "aprendeu literatura no colégio":

ELIAS JOSÉ

"A Universidade me influenciou muito na maneira de fazer uma leitura crítica do meu próprio texto, usando um distanciamento possível e necessário. Trabalhando com as ciências da linguagem, primeiro rapidamente como aluno, depois como estudioso de tudo que aparecia, pude ver o meu texto com alguma lucidez. Nunca deixo, porém, me envolver

demais em correntes e modismos, nem quero afastar o lado mágico do texto, usando a lógica do analista. Sei bem que o texto literário é mil vezes mais importante que o texto teórico. Muito, mas muito mais que a Escola, o livro "fez minha cabeça". Estou convencido que as pessoas mais sérias deste país são autodidatas - às vezes, autodidatas com um currículo universitário riquíssimo, não importa. O convívio com o livro é que vai, realmente, determinar a formação do escritor. Lógico que só o convívio não basta, é preciso ter vocação, saber recriar o mundo com palavras. Acho que foi Manuel Bandeira quem disse que o talento nasce com o artista, mas só ele não basta. Os livros lidos vão permitir o burilamento do artista criador. A orientação da leitura, o convívio com as Ciências da Linguagem e com o texto a ser analisado são as contribuições dos cursos de Letras".

DEONÍSIO DA SILVA

"Desde que minha professora do curso primário, ainda no 1º ano me ensinou a ler e me levou à biblioteca, onde li a história mágica de uma lenda indígena que explicava a criação do dia e da noite, nunca mais deixei de ler. É este meu principal vício, o maior de todos quantos tenho. Melhor do que ler, só mesmo amar e escrever. A leitura nos arranca da monotonia do cotidiano, nos leva por outros países, outras gentes, outros hábitos, outros costumes, outros usos, outros modos de viver e amar, mas, sobretudo, aumenta nossa

percepção, afia os sentidos, ajuda-nos a melhor entender a condição humana. [...] Estamos na terra para aperfeiçoar a espécie. Isto só se consegue através do conhecimento. O conhecimento é que salva. A ignorância é mortal. Mas temos sido maus aprendizes. Lêssemos mais, as coisas seriam bem diferentes. A Escola sempre me ensinou isso. Às vezes pelo reverso. Isto é, vendo a Escola entortar tantos companheiros, mas também salvar muitos outros, fui percebendo que as instituições são cruéis como a natureza; são exageradas. O sol nasce todos os dias, jamais tira férias. É um exagero fatal. As instituições procedem do mesmo modo. Estão diuturnamente atuando sobre nós. Ou nos entortam ou nos aperfeiçoam. Infelizmente, têm aperfeiçoado a poucos e entortado a muitos".

MOACYR SCLiar

"Na escola e na universidade aprendi algo: a escrever, naturalmente, e também (graças à preparação de textos científicos) a utilizar modelos lógicos de expressão do pensamento".

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

"Sim, houve influência do colégio e da vida universitária na minha formação. Mas no fundo sou mesmo é um autodidata, com todas as deficiências e dificuldades disto".

HOLDEMAR DE MENEZES

"Felizmente não. Na escola me obrigaram a analisar Camões. Na universidade só me falaram de doenças e patologias incuráveis".

DOMINGOS PELLEGRINI JÚNIOR

"Teoria da literatura me ajudou bastante, mas mi nha informação veio mais de leituras autodidatas do que da escola".

RUBEM MAURO MACHADO

"No meu tempo de estudante a escola ajudou muito pouco, no sentido de descobrir a literatura e formar meus padrões literários".

HERBERTO SALES

"Embora reconhecendo a importância da escola e da universidade na formação literária de qualquer pessoa, no meu caso pessoal essa formação se desenvolveu a partir do momento em que descobri a Literatura e me encontrei com a minha vocação literária, numa pequena cidade do interior, na solidão da biblioteca de meu pai".



TÂNIA FAILLACE

"Não cursei faculdade, portanto não recebi influência nessa área".

MODESTO CARONE

"A escola despertou o meu interesse pessoal pela literatura (aliás, ele já vinha de casa) e influenciou o meu trabalho na medida em que - principalmente na docência universitária - me impôs maior rigor e regularidade no ato de leitura".

JOÃO ANTÔNIO<sup>9</sup>

"Quando eu tinha 13 anos, tomei conhecimento de uma revistinha infanto-juvenil chamada "O Crisol", editada no bairro de Moema, na Avenida Juriti, pelo gaúcho de São Sapé, Homero Mazarem Brum, um herói. Ali se publicavam apenas colaborações de crianças, premiadas depois com livros. Assim, tomei gosto por escrever pequenas biografias, crônicas e dissertações que, uma vez publicadas, me davam livros de presente. Comecei então a tomar conhecimento da literatura, a ler tudo. Aprendi a usar dicionário. Lia Monteiro Lobato, Viriato Correia. E outros, principalmente publicados pela Melhoramentos e pela Brasiliense, e por uma editora que hoje não existe mais, cujo nome deve ter sido Piratininga e que publicava os livros de Jerônimo Monteiro. Tomei

conhecimento de muita coisa através desses livrinhos. [...] Havia muitos motivos para a empolgação de uma vocação literária, por exemplo, as figurinhas do Café Jardim. Saíam álbuns e os garotos os enchiam com figurinhas tiradas do pódo café. O primeiro álbum que eu enchi era uma história chamada "O Homem das Cavernas", escrita por Monteiro Lobato. Também as figurinhas do Café Jardim premiavam os colecionadores com livros e assim li um livro incrível chamado "Os Moedeiros Falsos", de André Gide".

As respostas nos dizem que se ninguém aprende a ser escritor na escola (também não é esta a sua tarefa específica!), se poucos aprenderam literatura - e na universidade! - é difícil passar impunemente pelos bancos escolares. Na verdade, não é a relação com a escola que define o escritor, como se pode deduzir desses depoimentos em que a memória da prática escolar a que estiveram expostos não ressalta como substantiva a influência pedagógica em sua formação literária.

Com exceção de Deonísio da Silva, cujo deslumbramento com o mundo mágico da literatura ocorreu na biblioteca de sua escola, graças ao incentivo direto de sua professora, os demais escritores reconhecem como muito limitada a ação escolar em seu entusiasmo pela leitura, que nasceu e se desenvolveu no ambiente familiar, como dizem textualmente Herberto Sales e Modesto Carone. A descoberta da literatura e o gosto pela leitura ocorreram paralelo ou à margem

da escola, e o exemplo mais categórico disto é o caso de João Antônio, cujo depoimento mostra a influência de atividades culturais e sociais estimuladas por outras instituições, tais como revistas e editoras, além das "dívidas" reconhecidas às bibliotecas familiares.

Na verdade, é pequeno o entusiasmo dos escritores em relação à escola. A maioria das respostas é sintética e se limita a um reconhecimento banal e quase obrigatório de algum mérito escolar em sua formação. Este mérito pode ser o ensino - essencial - da escrita ou a imposição de modelos para outro tipo de expressão que não a literária, ou inclusive a criação de comportamento mais rigoroso em relação à leitura, exigência da prática profissional posterior ligada ainda à escola. Não se estabelece uma influência mais direta entre, por exemplo, o ensino da literatura, o contato com livros e autores escolares e o interesse quer pela leitura quer pela escrita de ficção ou de poesia. Pelo contrário, quando isto é feito, é para se rejubilar por ter se livrado da influência escolar: como Holdemar de Menezes, muitos alunos devem ter sido obrigados a analisar Camões. O que pode dar margem à dedução de que a formação literária também se dá apesar da escola.

É significativa a ênfase que os escritores dão ao autodidatismo, à formação pessoal e individualizada de "modelos", às leituras e estudos feitos fora de currículos e instituições. Foram os livros que "fizeram a cabeça" desses autores, e mesmo os que cursaram Letras reconhecem que a in

fluência que ocorre neste nível, no aspecto da Teoria da Literatura ou de Ciências da Linguagem, na indicação de leituras e no contato com os textos literários, não é maior que o autodidatismo. O fato de alguns escritores reconhecerem um débito à sua formação universitária específica - Letras - só vem confirmar a hierarquização e especialização do saber: somente num nível superior e especial da escolarização pode ocorrer, via disciplinas singulares, uma influência positiva e significativa para o trabalho literário. É o que também se confirma com a resposta sucinta de Tânia Failace que diz não ter recebido influência em sua formação literária por não ter cursado faculdade.

A escola tem, pois, pouca ou nenhuma responsabilidade sobre a formação específica do escritor. Ela não é nem essencial, nem necessária para que a pessoa venha a se definir como escritor, o que não elimina, nem anula, uma influência mais ampla sobre a formação do indivíduo enquanto participante da vida social em que os padrões culturais se formam ou se ampliam.

A seguir, a visão que os escritores têm da escola atual:

ELIAS JOSÉ

"A escola, o professor de Português especialmente, tem feito mais para a divulgação e hábito da leitura do que o sistema político, a família ou o sistema editorial. É uma

leitura obrigatória, sem a beleza da livre leitura, quase coisa imposta, mas é a grande colaboração que o autor brasileiro ainda encontra. Meus livros infanto-juvenis têm sido adotado em várias regiões do país - já fui falar sobre eles em lugarejos, como fui em escolas de favela no Rio, no refinado Colégio Santa Cruz de São Paulo, em várias escolas até de Manaus. Há vários textos meus em livros de Comunicação e Expressão para o 1º grau, sobretudo tirados de um livro meu, a novela "As curtições de Pitu". O livro de contos, editado pela Ática, "Um Pássaro em Pânico", quase que só atingiu os cursos de 2º grau e de Letras. Já há teses sobre ele. Em 1978, ele foi incluído entre os livros adotados para os exames vestibulares da PUC de Belo Horizonte. Recebo sempre trabalhos de alunos, alguns ótimos, outros fracos, a maioria regulares, sobre "Um Pássaro em Pânico" e "Inquieta Vagem ao Fundo do Poço". As professoras Dirce Cortes Riedel (PUC/Rio) e Nelly Novaes Coelho (USP) trabalharam especialmente com os mini-contos de "O Tempo, Camila".

Contando com tão poucos recursos, com bibliotecas quase vazias, com o preço do livro, com a má vontade do sistema e da família, o professor de Português (alguns, os mais capazes) ainda é a grande força a favor do livro. A programação escolar, hoje voltada para o falido ensino profissionalizante (que acabou com o ensino e não deu profissão nenhuma), não colabora com o trabalho do professor de Português, pelo contrário. Sem contar que ele também, como

todo professor, é mal remunerado e tem que dar um número exagerado de aulas para viver e, assim, lê pouco, dá pouco trabalho que exija reflexão, análise, texto redigido. O livro didático então, há muito entrou na dança das cruzinhas dos testes objetivos, até para analisar a força ambígua e conotada da Literatura".

DEONÍSIO DA SILVA

"Está surgindo uma nova geração de professores universitários, muito atento às nossas letras. É ainda um grupo reduzido, como soem ser os que inovam e inventam um caminho, mas com uma influência crescente nos circuitos universitários. Nos anos negros da censura, sobretudo na última década, foram eles, com o auxílio de líderes estudantis, que fizeram de muitas universidades o espaço privilegiado de discussões de cultura brasileira. Foram eles que levaram cineastas, escritores, críticos literários, artistas, políticos, etc., para debater com professores e estudantes. No 1º e 2º graus não sei como vão as coisas. Meus livros chegam lá? Não sei. Acho que não. Nossa escola é ainda meio jesuítica - refiro-me especificamente à de 1º e 2º graus, mas algumas dessas marcas atravessam também a universidade e o diretor funciona como um bedel autoritário, representante do Estado dentro da Escola e não representante da Escola diante do Estado, como seria mais proveitoso para a educação.

A Escola, sobretudo a de 1º grau, forma leitores, sim. Mas não está cumprindo essa função. Nem seus professores lêem o mínimo desejável para exercer a profissão. São mal pagos, têm que trabalhar muitíssimo, são mal tratados e, sobretudo, os mais capazes e mais ativos são muito combatidos por esses pequenos poderes locais que são delegados dos soberanos provinciais que por sua vez são delegados do poder central. Temos uma estrutura de poder irresponsável, por isso. Todos estão cumprindo ordens e acham que não devem satisfação a ninguém. Deveríamos criar uma estrutura tal que o sucesso ou o fracasso de uma escola fosse creditado em última instância àqueles que a dirigissem. Não é o que ocorre. Todos, nas horas decisivas, dizem estar cumprindo ordens. Pelo jeito, a ordem é não fazer nada".

ANTÔNIO TORRES

"O ideal seria que a escola viesse a se ocupar, sistematicamente, da literatura brasileira contemporânea o que não tem ocorrido. Há muito atraso nisso, muita má vontade e, até mesmo, preconceito. Da minha parte, devo dizer que tenho sido aquinhoado com alguns leitores nas escolas de nível secundário e universitário. Credito isso a esforços isolados de alguns professores. Quanto ao ensino de língua e literatura, parece ter uma tendência para a teoria em detrimento da criação. O sistema, nesta área, vem impondo ao aluno a leitura sobre literatura, obrigando-o a afastar-

-se dela. O que não dá para entender".

MOACYR SCLiar

"Acho que a escola poderia ser importante na formação de um público leitor. A condição decisiva é que os professores despertem nos jovens "o prazer do texto". Meus livros são adotados em muitas escolas e universidades, onde tenho feito palestras. Meu objetivo, nestas, é sobretudo mostrar que escritor não é um bicho-papão, que ler é uma coisa agradável, e que literatura também ensina a gente a viver".

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

"A escola é fundamental, é importantíssima, nesse processo de conscientização. Não, meus livros não são difundidos. Fui a duas ou três escolas para fazer palestra. Ainda agora vou a um colégio estadual, na Av. Brasil, para falar sobre Mário de Andrade. Mas é só isto. Universidade, sim. Tenho tido convites para falar em faculdades, Guaxupé, Niterói, duas vezes a Faculdade da Avenida Chile, a PUC duas vezes, a SUAM, a SESAT, a UERJ, a Santa Úrsula umas cinco vezes. Um certo contato. Estou por fora dos programas. Não posso responder".



HOLDEMAR DE MENEZES

"A escola não existe. Tentou existir, mas foi sufocada pelas reformas. Nunca tive acesso, como escritor, à escola. O ensino da língua e da literatura, no meu ver, é feito por incompetentes e ressentidos, até mesmo por inimigos da leitura".

TÂNIA FAILLACE

"As escolas ainda são uma brecha no sistema, se bem que de forma empírica, porque o trabalho eficiente com a literatura brasileira sempre depende do talento e do interesse dos professores individualmente. Não há uma política geral de incremento à leitura, e muito menos de sua valorização como atividade lúdica e socializante. Já fiz muitas palestras em escolas, principalmente no II Grau, inclusive em programs sistemáticos de divulgação do autor nacional. Seu melhor ou pior resultado - a palestra em si é apenas o coroamento de todo um trabalho anterior - sempre se vincularam à atitude pessoal do professor com a literatura e com sua classe. O autor entra de terceiro nessa".

DOMINGOS PELLEGRINI JÚNIOR

"Sempre fui arredio a escolas, e acho que são uma extensão do Estado, de um lado, e da família, de outro lado. Fui expulso ou suspenso de toda escola onde estive. Não

sei se é comportamento... atávico ou se era saco-cheio mesmo, ou se já era prenúncio do anarquismo que, hoje, me faz ver a escola - a rede oficial de ensino especificamente - como máquina ideológica a serviço do Estado e das ideologias dominantes. Daí ver pouca coisa aproveitável na escola oficial - e nas particulares, o problema é que ministra-se ensino ao invés de se procurar a educação. Acredito que bons livros fazem mais pela literatura do que boas aulas. Meu livro "A Árvore que Dava Dinheiro", para jovens, editado recentemente pela Moderna, de São Paulo, vem sendo adotado em escolas de 2º grau e até aqui na Universidade de Londrina, no Curso de Letras, não sei se em disciplina literária ou pedagógico-didática. A programação e o ensino escolar, em relação às artes, estão totalmente equivocados no meu modo de ver".

RUBEM MAURO MACHADO

"A nossa escola não ensina a pensar. Entretanto, reconheço que tem havido uma melhoria, no sentido de estímulo à leitura. O que há é uma crassa ignorância, até mesmo dos professores, em consequência do fracasso do nosso sistema educacional, então fica tudo mais difícil. A redemocratização, acredito, há de trazer um ressurgimento do interesse pelo homem e, em decorrência, pela literatura.

Para entrar na universidade, parece que o escritor brasileiro precisa morrer. Mesmo assim, esporadicamente, te

nho participado de debates e feito palestras em faculdades e escolas de 2º grau. Acho-as em geral muito gratificantes, inclusive porque o trabalho do escritor é muito solitário e o contato direto permite e obriga que você se recoloque diante de seu próprio trabalho. Alguns de meus contos têm sido objeto de trabalho em aula e sua discussão com os jovens sempre traz proveito. Gostaria que houvesse mais convites nesse sentido. Algumas dessas palestras me propiciaram um cachê, outras quando muito um almoço, mas a recordação que fica é quase sempre boa".

#### HERBERTO SALES

"A escola pode ser o meio natural para a formação de um público leitor. Para isso, entretanto, é indispensável a instituição curricular de uma carga horária de leitura, de pelo menos três horas por semana. Como, porém, pensar nisso num país como o nosso, com uma carga horária de apenas três horas por dia? No meu tempo de estudante de ginásio, tínhamos três aulas pela manhã e três aulas à tarde, inclusive aos sábados. Hoje, mal o aluno entra na sala, o professor já está dizendo: "-Depressinha, garoto, depressinha, que a outra turma já vem aí!"

Além da carga horária de leitura obrigatória, considero indispensável, não apenas para formar leitores, mas também para os alunos aprenderem a escrever pelo menos um bilhete, o ensino do Português, atualmente mal apelidado de

Comunicação e Expressão, com os respectivos exercícios de redação. Só assim poderemos reduzir, efetivamente, o número de analfabetos e - o que é mais importante - o número de semi-analfabetos, que formam as legiões da ignorância em ação.

Tenho livros difundidos via escola e via universidade. Estão neste caso o meu romance O Fruto do Vosso Ven tre e, a nível de 1ª e 2ª graus, meus livros de literatura infantil, notadamente O Sobradinho dos Pardais e O Burrinho que Queria Ser Gente".

MODESTO CARONE

"Acredito que a escola desempenha (ou possa desempenhar) um papel importante na criação e formação de um público leitor, pois dela saem aqueles que se interessam por ler. Meus livros foram divulgados em faculdades de letras, mas não tenho conhecimento de que tenham chegado às escolas de 1ª e 2ª graus.

Considero da maior relevância o ensino de língua e literatura na programação escolar, pois através dele podem ser oferecidas as chances para o público mais exigente".

JOÃO ANTÔNIO<sup>10</sup>

"... já se disse e se escreveu que este é um país de um rico mercado desconhecido - também em potencial - de leitores. No meu caso pessoal, entendo o leitor como um par

ceiro, e é com essa idéia que o vou procurar. Num país em que a grossa maioria (70 por cento) é feita de menores de trinta anos, acho natural que se vá buscar leitores dentro das escolas, universidades, colégios. Não me furto a convites, e falando claro, até me ofereço a esse trabalho. Tenho uma resposta íntima a todo esse movimento e rumor. Levo alguma coisa além dos meus livros e a entrego aos estudantes e professores - o questionamento da literatura atual. A discussão objetiva sobre o livro, as editoras, os outros autores. Parece-me que dou algo e, com toda a certeza, tenho aprendido coisas só captáveis a quem saia a campo, ao que der e vier, disposto a tomar uma chuva que molha. Um homem de quarenta anos que escreva e que não tenha, em nosso país, preocupação com o que os homens de vinte anos pensam certamente estará mal".

Os escritores, de modo geral, têm uma visão crítica da escola e do seu papel em relação à literatura. Suas opiniões oscilam de uma total desconfiança e pouco entusiasmo pelo trabalho desempenhado pela escola a uma análise dos limites existentes e algum crédito ao desempenho e formação de professores, isoladamente, ou de grupos de profissionais atuantes em algumas escolas e universidades. A comprovação desta variedade pode ser encontrada na ácida - e isolada - resposta de Holdemar de Menezes, que decreta a falência total da instituição e a incompetência aliada a deformações psicológicas dos professores (sic!)! Passa pela visão da es

cola como reprodutora das relações sociais e da ideologia dominante, conforme relato e desencanto de Domingos Pellegrini, que tem muito pouca expectativa quanto à prática escolar envolvendo a literatura. E, finalmente, tem uma maior equivalência em respostas como as de Elias José, Tânia Faillace, Deonísio da Silva, Antônio Torres e Scliar, por exemplo, que, ressaltando aspectos diferentes da educação e do ensino de língua e literatura, reconhecem como problemática a situação mas vêem algum mérito e algumas possibilidades de atuação diferenciada.

A maioria dos escritores encara a escola como o ambiente privilegiado para a formação de leitores, através da criação e desenvolvimento do hábito de leitura e da descoberta do prazer de ler. É também o local por excelência para a divulgação dos livros e da literatura, consequentemente. Reconhecem, porém, que na prática escolar tais objetivos não são alcançados nem perseguidos, a não ser por uma pequena parcela de professores que privilegia um trabalho ainda marginal de leitura, literatura e criação de textos. Esta excepcionalidade é explicada pela ausência de uma política de incentivo à leitura, pela falta de condições materiais (livros e bibliotecas), pela inadequação dos currículos e programações escolares e ainda pelas más condições de trabalho dos professores aliadas a uma formação precária e deficiente da maioria desses profissionais.

As observações e os argumentos dos escritores encontram eco em muitos trabalhos teóricos que aprofundam o

questionamento e a análise de vários aspectos da relação escola e literatura. Cattani e Aguiar<sup>11</sup>, por exemplo, estudando as diretrizes curriculares de dezenove estados brasileiros, verificam como a leitura é definida no planejamento escolar e qual a importância que lhe atribuem os documentos oficiais. As conclusões não são animadoras e mostram "um distanciamento entre as reflexões teóricas sobre a concepção e a importância da leitura, que são abrangentes e apontam para uma percepção crítica do ato de ler como possibilitadora do crescimento individual, e a sua operacionalização na escola do material literário a ser manuseado por alunos e professores e nas orientações metodológicas sugeridas". As autoras constataram que, embora todas as propostas curriculares reconheçam a importância do processo de leitura, poucas o definem clara e explicitamente, prevalecendo nestas a concepção segundo a qual a leitura é vista como decodificação de sinais gráficos e estabelecimento de relação com o significado, sem situar o problema da significação no contexto do jogo comunicativo. A leitura é valorizada como instrumento de atuação social, comunicação, formação individual, desempenho verbal, lazer e informação, além de servir de meio para atingir os grandes objetivos educacionais de formação do cidadão e sua integração na sociedade. Com tais significados e finalidades, oficialmente difundidos e normadores de toda a prática pedagógica da leitura, não é de modo algum estranho que se encontre nas cartilhas e livros didáticos, nos textos mimeografados ou copiados do quadro e

nos raros livros de literatura indicados a predominância de trechos descontextualizados, feitos "especialmente para a ocasião", avulsos, meramente escolhidos por sua composição gráfico-sonora ou por seu conteúdo artificial, formativo e moralizante! Já nas propostas curriculares, o texto, literário ou pseudoliterário, aparece como celebração patriótica ou religiosa, instrumento de informação, meio de inculcação de valores sociais, éticos e morais, motivação para redações, incentivo à criatividade ou pretexto para análises gramaticais. Daí a se chegar "às belas mentiras" dos livros didáticos, o caminho é fácil, porque está livre e abençoado pelas diretrizes oficiais.

As orientações metodológicas para o trabalho com o texto também começam cedo: seja para o período de preparação para a alfabetização, ou para o início do processo de leitura e escrita, seja para o ensino da leitura especificamente em Língua Portuguesa, as normas a serem seguidas e observadas são explícitas e vão acompanhar o aluno em praticamente todos os seus anos de escolarização. Em séries mais adiantadas, o aluno já sabe o que se seguirá à entrega de um texto: apresentação do assunto, leitura oral pelo professor, estudo do vocabulário, leitura oral pelos alunos, divisão do texto em segmentos, titulação de cada uma das partes, identificação da idéia principal e das secundárias e exercícios de interpretação, variados ma non troppo!

A literatura, assim, tem seu ingresso na escola garantido desde cedo e de forma incidental, pois não importa



ã instituição o caráter literário dos textos que sacramen  
ta e difunde. Pelo contrário, o que é realçado é a "mensa  
gem" ética, moral ou cívica que o texto transmite: não é à  
toa que a maioria dos alunos - e ainda alguns professores -  
tem muito bem assimilada a lição de que num texto literário  
é preciso "descobrir a mensagem", "resumir o que o autor  
quis transmitir", "entender o que o texto quer dizer". Esta  
metodologia é extensiva à leitura de livros literários, ge  
ralmente feita extraclasse e cobrada segundo os mesmos parâ  
metros, embora com instrumentos diferentes, as fichas de  
leitura ou as provas de verificação do conteúdo - da leitu  
ra!<sup>12</sup>

A abrangência da ação e da influência escolar so  
bre a literatura é, pois, bastante ampla e não se resume aos  
poucos anos do segundo grau em que ela é delimitada como  
disciplina e encontra um espaço formal nos currículos. Nes  
ta fase, a teoria literária e a história da literatura acom  
panham os textos clássicos da literatura brasileira e são  
o objeto das aulas, dos manuais didáticos e dos exames ves  
tibulares. Muito antes, porém, começa uma vivência com a  
literatura que pode influenciar e até determinar os conta  
tos que o aluno terá com os livros literários, dentro e fo  
ra da escola, bem como informar a sua concepção de literatu  
ra, de escritor, de leitura.

Malgrado toda esta descrição dos males escolares,  
é preciso reconhecer que nos últimos anos vem se esboçando  
um grande movimento de circulação de revistas e livros so

bre a leitura e a literatura na escola, contendo artigos, ensaios, relatos de experiências e de pesquisas, dissertações etc., que têm encontrado uma boa aceitação entre os professores já em exercício e entre os alunos de graduação<sup>13</sup>. Aumenta o número dos profissionais inquietos e preocupados com a situação do ensino e nos encontros e congressos, tais como os COLE (Congresso de Leitura) e CBEs (Conferência Brasileira de Educação), circulam e se disseminam experiências práticas, aprofundamentos teóricos, debates e palestras sobre leitura, ensino da literatura, livros didáticos, bibliotecas escolares, literatura infantil, etc.

A expectativa de que a situação escolar sofra modificações está ligada a mudanças teórico-práticas dos professores, alicerçadas em princípios políticos, a uma formação escolar e cultural mais sólida e crítica dos profissionais que atuarão nas escolas. É claro que isto não é suficiente nem determinante: enquanto as condições de acesso e valorização dos bens culturais forem as mesmas, enquanto as condições materiais não forem melhores, a escola sozinha não pode ser totalmente responsável pela aquisição e formação do gosto pela leitura. A parte que lhe cabe, porém, neste grande e pobre latifúndio, não é das menores e pode ser melhor dividida e aproveitada. Refiro-me especificamente à imposição de um certo tipo de leitura: quando os professores assumem o risco de ensinar a ler descensurando, situando corretamente a perspectiva histórica da obra, respeitando interesse e gostos dos alunos, dessacralizando a literatura, am

pliando as possibilidades de interpretação, recreação e recriação dos textos, lendo e se envolvendo eles próprios com a literatura, os alunos gostam de ler.

Mesmo que não se possa esperar demais desta união contraditória e desigual - literatura e escola, ou seja, arte e instituição (liberdade X norma, individualidade X massa, originalidade X padrão, contemporaneidade X tradição etc, etc.)-, os escritores sabem que "onde tem bruxa, tem fada", o que talvez os faça valorizar o fato de ter seus livros infantis difundidos via escola, embora correndo o risco da imposição e da leitura dirigida, e seus livros "para adultos" lidos e comentados no 2º grau ou na universidade. Apesar do aparente contradição, a escola e a universidade exercem um certo fascínio sobre os escritores que não se furtam a convites, palestras, debates com os estudantes e professores. Estão, a seu modo, cumprindo o seu papel. Na verdade, eles não desconhecem que a universidade, principalmente, tem desempenhado a sua vocação de transmissora das tradições letradas, de técnicas bibliográficas, de modelos de composição literária e discursos críticos. Sabem que é na universidade também que se dá a reprodução desse saber, através da formação de especialistas encarregados de sua retransmissão em meios variados de difusão e em outros níveis de ensino. A esses professores, os escritores pedem que "despertem nos jovens o prazer do texto", conforme o depoimento de Moacyr Scliar.

Se isto é pedir o impossível em nossas condições sociais, históricas e psicológicas, como alerta o artigo de Joaquim Brasil Fontes<sup>14</sup>, acredito que todos nos contentaríamos se a escola e os professores possibilitassem aos alunos pelo menos uma prática da leitura. O que lhes propiciaria a chance de encontrar o "texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia, aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura!"<sup>15</sup>

#### N O T A S

1. Pierre Gamarra. "Pouvoir tout dire". In: CERM. Colloque sur la situation de la littérature, du livre et des écrivains. Paris, Édition Sociales, 1976, p.283.
2. France Vernier. L'écriture et les textes. Paris, Éditions Sociales, 1974. p.38.
3. Roland Barthes. In L'enseignement de la littérature. Actes du Colloque de Cerisy. Paris, 1971. p.170.
4. A relação escola/sociedade/ideologia é discutida amplamente em Bourdieu & Passeron. A reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1975; Bárbara Freitag. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979; L. Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa, Ed. Presença, 1974; Michael Apple. Ideologia e Currículo. S.P.: Brasiliense, 1982; Niuvenius Paoli. Ideologia e hegemonia. As condições de produção da educação. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1980;

Rosiska Darcy de Oliveira et alii. Cuidado, escola! São Paulo, Brasiliense, 1985; Baudelot e Establet. L'École Capitaliste en France. Paris, Maspéro, 1972; Lia Zanotta Malhado. Estado, Escola e Ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1983, e outros.

5. Maria de Lourdes C.D. Nosella. As belas mentiras. A ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Umberto Ecco e Mariza Bonazzi. Mentiras que parecem verdades. São Paulo: Summus Editorial, 1980. Althusser. Curso de Filosofia para Científicos, Introducción. Filosofia y Filosofía Espontánea de los Científicos (1967). Editorial Laia/Barcelona/1975.
6. Magda Soares. Linguagem e escola. Uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.
7. Roger Fayole. Être professeur de Lettres hier et aujourd'hui. In Littérature 19, Paris: Larousse, 1975, p.12.
8. A análise, a crítica, a história do ensino da literatura na escola são apresentadas e aprofundadas por Maria Thereza F. Rocco. Literatura/Ensino. Uma problemática. São Paulo: Ática, 1981; Lígia Chiappini M. Leite. Invasão da catedral. Literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983; Marisa Lajolo. Usos e abusos da literatura na escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982; Joaquim Brasil Fontes Jr. Notas sobre o ensino da literatura: gramática, texto e retórica. In Educação e Sociedade, São Paulo: Cortez Editora, Ano IV, nº 12, set. 82, p.142-153; France Vernier. L'Écriture et les Textes, op. cit.; Michel Mansuy et al. L'enseignement de la littérature. Crise et perspectives. Éditions Fernand Nathan 1977; Regina Zilberman et al. O ensino de literatura no 2º grau. Cadernos da ALB. Porto Alegre: Mercado Aberto & ALB; Letícia Malard. Ensino e Literatura no 2º grau.

Problemas e perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

9. A resposta de João Antônio foi dada a Edla Van Steen e está publicada em Viver e Escrever, P.A.: L&PM, 1981, p.133-34. A pergunta formulada a ele foi "O que ou quem teria despertado em você a vocação para a literatura.." Decidi aproveitá-la porque, por esta resposta, a escola está completamente ausente da vivência infantil e juvenil de João Antônio com a literatura. Portanto... Relembro que este escritor me enviou muitas entrevistas que já havia dado e me autorizou a aproveitá-las.
10. Em "Escritor brasileiro hoje", publicação cujo xerox me foi enviado pelo autor, sem maiores especificações.
11. Maria Izabel Cattani & Vera Teixeira de Aguiar. Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos. In Regina Zilberman. Leitura em crise na escola... op cit., p.23-35 e Vera Teixeira de Aguiar A leitura no planejamento escolar, in Perspectiva, r. CED, Florianópolis, 1(4), 9-14. jan./jun. 1985.
12. Exemplos de como isto é feito, e de como é percebida pelos alunos a prática escolar com os textos e os livros de literatura, são fartamente encontrados em estudos como o de Lilian Lopes Martin da Silva (A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986), Lygia Chiappini M. Leite (Invasão da catedral: literatura e ensino em debate. op. cit.), Maria Thereza F. Rocco (Literatura/Ensino: uma problemática. op. cit.), e Marisa Lajolo (Usos e abusos da literatura na escola. op. cit., O texto não é pretexto. In Leitura em Crise na escola: as alternativas do professor. op. cit., p.51-62), para ficar nas mais expressivas publicações sobre o assunto.

13. Entre as revistas, cumpre destacar a Leitura: Teoria & Prática, semestral, da Associação de Leitura do Brasil, publicada pela ALB e Ed. Mercado Aberto.
14. \_\_\_\_\_. O impossível prazer do texto. In Leitura: Teoria & Prática, nº 9, ano 6:8-12, junho de 87.
15. Roland Barthes. O prazer do texto. São Paulo:Perspectiva, s.d., p.21 e 22. Tradução de J. Guinsburg.